

# **Igreja Universal do Reino de Deus: Peculiaridades do seu sincretismo e suas consequências para o campo religioso brasileiro**

Universal Church of the Kingdom of God: peculiarities of their syncretism and its consequences for the Brazilian religious field

*Humberto Ramos Oliveira Júnior\**

## Resumo

Este trabalho teve como escopo analisar o sincretismo característico da Igreja Universal do Reino de Deus, abordando suas especificidades e algumas de suas consequências para o campo religioso brasileiro. Optou-se por enfatizar a relação desta denominação com as religiões de matriz africana. A hipótese central é a de que o neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus, devido ao seu perfil sincrético, apresenta-se como uma atraente opção entre protestantismo clássico e os cultos afro-brasileiros e a religiosidade popular brasileira. Para tanto, trabalhou-se com as obras de outros pesquisadores sobre o tema, com bibliografia produzida por alguns líderes desse movimento e também com material videográfico disponível na internet, contendo discursos e práticas neopentecostais relevantes para esta pesquisa. Desse esforço, considerou-se que o tipo de neopentecostalismo representado por esta igreja evangélica constitui uma via intermediária entre a tradição protestante e a religiosidade afro e popular brasileira, havendo marcantes rupturas em relação à sua matriz de origem bem como muitas continuidades; o que faz desse movimento a expressão do protestantismo que mais se adequou à realidade brasileira.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus; sincretismo; neopentecostalismo; protestantismo; afro-brasileiro; religiosidade.

## Abstract

This study was intended to analyse the characteristic syncretism of the Universal Church of the Kingdom of God by addressing their specificities and some consequences to the Brazilian religious field. This work emphasizes the relationship of this denomination syncretism with religions of African origin. The main hypothesis is that the Neo-Pentecostalism of the Universal Church of the Kingdom of God, due to its syncretic profile, presents itself as an attractive option between the classical Protestantism and Afro-Brazilian services and the popular Brazilian religiosity. This work is based other researchers' work on the topic, literature produced by some leaders of this movement and videographic material available on internet containing Neo-Pentecostal speeches and practices relevant to this study. From this effort, it was considered that this kind of Neo-Pentecostalism is at a middle way between the Protestant tradition and the African and popular Brazilian religiosity, with notable ruptures in relation to its origin as well as many continuities; which makes this movement the expression of Protestantism that most suited the Brazilian reality.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God; syncretism; Neo-Pentecostalism; Protestantism; Afro-Brazilian; religiosity.

---

\* Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [humbertoliveirajr@gmail.com](mailto:humbertoliveirajr@gmail.com)

## **Introdução**

No drama "O Pagador de Promessas"<sup>1</sup>, de Dias Gomes, o personagem principal, Zê-do-Burro, protagoniza o empenho de um humilde sertanejo do nordeste brasileiro a fim de cumprir uma promessa à Iansã, carregando uma pesada cruz para depositá-la no interior da Igreja de Santa Bárbara, na cidade de Salvador, Bahia. A devoção de Zê-do-Burro representa um tipo de sincretismo característico do catolicismo popular brasileiro, assim como Riobaldo Tatarana, em "O grande sertão: Veredas", para quem uma só religião é pouca e talvez não lhe baste; a personagem do romance de João Guimarães Rosa não demonstra, no decorrer da trama, qualquer receio de participar desta e daquela atividade religiosa, ao contrário, sabe que "muita religião" é a receita para "desendoidecer".

Esses traços ficcionais não representam meros devaneios de mentes imaginativas. Embora obras da literatura, refletem a cultura brasileira e a forma como ela se relaciona com a religião. Revela a diversidade de nosso povo e como ela influencia na religiosidade. Esse perfil permeia a religiosidade popular brasileira. Enriquece as experiências individuais e coletivas e viabiliza a existência de pontes que podem até mesmo conduzir ao diálogo.

É relevante ter consciência disso a fim de notar que, no que tange especificamente ao fenômeno neopentecostal, esse perfil assume contornos um tanto distintos. Há peculiaridades no sincretismo observado em igrejas como a Universal do Reino de Deus (IURD), um discurso que, em certo sentido, destoa bastante dessa ideia de complementaridade verificada em boa parte da devoção popular brasileira. Embora se possa dizer que, oficialmente, a Igreja Católica evidentemente também não seja favorável às expressões sincréticas assimiladas pelos seus fiéis, é quase imperceptível hoje uma repressão a essas práticas vinda de sua parte. Parece haver uma tolerância devido à acomodação ocorrida por meio das sínteses engendradas no decorrer dos séculos pelos fiéis. Assim, talvez essa tolerância seja uma estratégia resultante da conclusão de que é melhor aceitá-los – assim como estão – do que perdê-los.

No chão da vida, distante das elucubrações teológicas oficiais, é um tipo como o Zê-do-Burro que realiza o sincretismo, ainda que rejeitado pelo representante oficial da Igreja, porém intimamente convicto de sua experiência pessoal. Uma figura que reflete a insurreição que parte de baixo pra cima, subvertendo o que é apresentado como já definido e inexorável.

Em vista disso, levando-se em conta o caráter sincrético do neopentecostalismo, partiremos aqui para avaliar as peculiaridades desse sincretismo. Tal aprofundamento temático implicará, mais à frente, em aferirmos as consequências que tais particularidades geram no campo religioso brasileiro. Por hora basta dizer, a título de informação, que não apenas o cenário da religião no Brasil se vê influenciado pelos traços do neopentecostalismo, em especial o iurdiano, mas também tantos outros países latino-americanos, visto que essa denominação, como o próprio nome sugere, sempre portou aspirações expansionistas (universais) e está presente por todo o continente, carregando aonde quer que vá seu estilo “abrasileirado” (Almeida, 2009, p. 125) e também as mesmas estratégias aqui utilizadas para prosperar.

### **1. Um sincretismo de inversão**

O sincretismo, que pode ser entendido como a mistura deliberada de elementos de determinadas crenças (Burke, 2003, 47), constitui-se numa estratégia exitosa aos neopentecostais, pois sua prática funciona como um mediador cultural, como já visto anteriormente. Ele facilita a inserção das igrejas de características neopentecostais, em especial as de um perfil iurdiano, em terrenos de difícil penetração do protestantismo clássico. E o modo como se vale desse mediador cultural revela-se profundamente peculiar, logo também se mostra bastante intrigante.

Um dos aspectos mais intrigantes é a notável preferência por tirar proveito de elementos de cultos afro-brasileiros. Desde seu início, a IURD instaurou um tipo de religiosidade que não apenas se vale de elementos dessas crenças, como também desenvolveu uma postura belicosa em relação a elas. Esse aspecto deverá ser analisado mais adiante nas consequências do sincretismo neopentecostal para o campo religioso brasileiro. Por hora, importa refletir no modo como esse grupo se relaciona com a religiosidade afrodescendente, relação que desde há muito se percebe entre os evangélicos neopentecostais.

Sobre esse assunto, Paul Freston relata o contato com um pastor evangélico e sua opinião acerca do crescimento numérico da IURD: “a IURD se expande onde há ‘macumba’ e famílias dilaceradas” (Freston, 1994, 136). É bastante interessante essa observação, pois sugere que a denominação alcança sucesso diante de um cenário bastante específico. E convém dizer que na fala

acima, por macumba, pode-se entender toda a variedade de cultos afro existentes em solo brasileiro, especialmente o Candomblé e a Umbanda. E nisso pode-se notar que a IURD se define não apenas como uma religião advinda do movimento pentecostal, mas especialmente em contraponto à religiosidade afro-brasileira. Isto é, define-se a partir do outro, conforme será apresentado.

A teologia fundante para tal maneira de operar da Universal, e que influencia toda uma gama de igrejas que seguem seu modelo de igreja evangélica pentecostal, está contida no livro "Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?". O livro, de autoria do Bispo Edir Macedo, foi escrito em 1997. Entretanto suas orientações não se dissolveram com o tempo<sup>2</sup>. Ainda orienta e inspira aos crentes iurdianos – dentre outros evangélicos – a como procederem a respeito das religiões mediúnicas, com ênfase nas de ascendência africana.

São interessantes as palavras de Macedo logo no primeiro capítulo de sua obra:

Houve, com o decorrer dos séculos, um sincretismo religioso, ou seja, uma mistura curiosa e diabólica de mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé (2001, p. 13).

Como se pode notar, não titubeia em momento algum ao mencionar os nomes dos grupos religiosos contra os quais pretende militar. E mais adiante, curiosamente, resume todas as crenças de vertente mediúnicas ao rótulo de espiritismos (Macedo, 2001, p. 18). Esse direcionamento indica exatamente os principais alvos da igreja, cultos e práticas mediúnicas. Conveniente, porque, ainda que muitos brasileiros não tenham tido envolvimento com qualquer prática mediúnica, visitado um terreiro de Umbanda ou Candomblé ou algum Centro Espírita, esse “universo” permeia o imaginário da população em geral.

Essa fixação em relação aos cultos afro pode ser observada nos programas de televisão e rádio da Igreja Universal. Ronaldo de Almeida, em seu trabalho etnográfico realizado em templos da IURD, faz menção a essa conduta:

O pastor Mauro com certeza é uma pessoa bem habilitada para falar desse assunto. Ele, assim como boa parte dos fiéis da Igreja Universal, é egresso de uma dessas religiões. Em seu caso, a mudança ocorreu com maior radicalismo. Antes de se tornar pastor, ele era pai-de-santo, no Candomblé, sendo Mauro de Ogum o seu antigo nome de fé (2009, p. 68).

O referido pastor realizava um programa de rádio apresentado todas as sextas-feiras, na Rádio São Paulo, denominado "Ponto de Fé". E em se tratando da denominação de Edir Macedo, importa prestar atenção em cada detalhe: boa parte das programações de libertação espiritual da IURD se opera na sexta-feira, dia em que comumente muitas atividades são realizadas tanto no Candomblé quanto na Umbanda; a palavra "Ponto", contida no título do programa, também não deve ser vista de forma ingênua. No "Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros", de Olga Gudolle Cacciatore, esta palavra aparece em pelo menos dez expressões de práticas afro-brasileiras: ponto, ponto cantado, ponto de abertura, ponto de chamada, ponto de defumação, ponto de descarrego, ponto de encerramento, ponto de segurança, ponto de subida, ponto riscado (1977, pp. 213-214). Segundo o referido dicionário, a maioria das expressões refere-se a cânticos litúrgicos realizados em momentos específicos desses cultos.

Para o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva:

O ataque às religiões afro-brasileiras, mais do que estratégia de proselitismo junto às populações de baixo nível econômico, potencialmente consumidoras dos repertórios religiosos afro-brasileiros e neopentecostais, parece ser consequência do papel que as mediações mágicas e a experiência do transe religioso vieram a ocupar na própria dinâmica do sistema neopentecostal em contato com o repertório afro-brasileiro (2007, p. 193).

Diante disso, e levando-se em conta o crescimento da IURD no território brasileiro, com um número amplo de templos, pastores e fiéis, talvez não se possa afirmar com tanta certeza até que ponto esse perfil iurdiano constitui-se meramente em estratégia a fim de angariar fiéis. Evidente que tais práticas podem muito bem ter surgido com esse caráter, conforme apresentou Ricardo Mariano (Mariano, 1999, p. 135). Entretanto, é preciso reconhecer que os processos sociais se dão por meio de funções "conscientes" e "inconscientes", "as primeiras são funções conscientes e deliberadas dos processos sociais; as segundas, funções inconscientes e involuntárias" (Berger, 1976, p. 51). Em outras palavras, os convertidos no decorrer desses anos todos em igrejas neopentecostais como a IURD, Internacional da Graça, dentre outras, que perpassaram todas as etapas de serviço até chegarem a funções de liderança nessas denominações, podem muito bem assumir tais práticas sincréticas como sendo essencialmente parte integrante de sua religião e da espiritualidade que vivenciaram e vivenciam.

Todavia, as diferenças entre o sincretismo iurdiano e aquele praticado no catolicismo popular são evidentes. Enquanto no catolicismo as entidades africanistas e santos da Igreja Católica se misturam devido à existência – ao menos aos olhos dos fiéis – de “afinidades” ou “convergências” (Burke, 2003, p. 27), de modo que, p. ex., Iansã, pelas suas características, possa se confundir com Santa Bárbara e Ogum com São Jorge, no neopentecostalismo isso se dá de maneira absolutamente diferente. No final do enredo, a entidade manifesta será identificada pelos bispos e pastores como sendo nada mais nem menos que o próprio Diabo. Isto é, a divindade da outra religião é identificada como sendo a contraditória figura do imaginário cristão, à qual muitos destes (os cristãos) costumam atribuir as causas dos males que atingem a vida humana.

Logo, assistimos a uma modalidade de sincretismo às avessas, conforme menciona Silva (2007, p. 123):

Às avessas porque a síntese elaborada buscou no polo negativo da religiosidade cristã – o diabo – o elemento equivalente às entidades. E é graças a essa síntese invertida que a Igreja Universal pode ainda manter um discurso proselitista e a exigência de exclusividade, características tipicamente evangélicas.

Com esse contorno, as “entidades afro” manifestam-se na IURD em dias separados para trabalhos de libertação, praticamente respondendo à invocação por meio de orações dos líderes. Tal prática está fundada na crença de que é necessário conhecer a origem dos males que atingem a vida de cada pessoa que ali se apresenta carente de um milagre. E uma vez manifestada, durante a prática do exorcismo, ocorre um excruciante interrogatório, no qual três perguntas geralmente são realizadas: “Qual o teu nome?”, “O que você tem feito na vida dela?” e “Como você entrou na vida dela?”.

Basicamente, a entrevista com os demônios aborda essas três perguntas-chave que revelam a origem, os males causados e a maneira pela qual o demônio entrou no corpo do endemoninhado. Convém ressaltar, ainda, que toda a conversa é realizada publicamente e com forte zombaria das outras religiões. É muito comum o pastor, durante a entrevista, mandar o demônio colocar o corpo do endemoninhado de joelhos e aos seus pés. Se a entidade resiste, o pastor, em interação com o público, pede que todos estendam as mãos para a frente e, invocando o nome de Jesus, repete várias vezes a ordem até que o endemoninhado caia de joelho. Posteriormente, ordena que ele “bata a cabeça”<sup>3</sup> no chão três vezes; pois, se o endemoninhado “bate a cabeça” para uma entidade no espaço do terreiro, na Igreja Universal a entidade deverá “bater a cabeça” para Jesus (Almeida, 2009, p. 96).

Algumas indagações básicas com fundamento em textos bíblicos poderiam colocar em cheque esse tipo de exorcismo. O texto do Evangelho segundo João, capítulo 4, verso 44, refere-se ao diabo como sendo “mentiroso”, em quem não há verdade, o próprio “pai da mentira”. Daí o questionamento básico de algum crente qualquer poderia ser: “Sendo o Diabo mentiroso, como pois poderia alguém confiar em suas palavras?” E, de fato, há uma série de *blogs* e *sites* com tais questionamentos relacionando-o exatamente aos interrogatórios realizados em igrejas neopentecostais. Todavia, essa dúvida nunca fora, nem parece ser, um problema para Edir Macedo, que esclarece de forma bastante assertiva a esse respeito:

O Diabo é mentiroso, ele é mentiroso, mas Jesus perguntou o nome do demônio de Gadara, “Qual é o teu nome?”, e ele respondeu “Legião”, quer dizer: quando nós perguntamos, ele é obrigado a falar a verdade, mas ele é mentiroso, ele é mentiroso. E nós não vamos fundamentar nossa fé no que ele diz, não, mesmo falando a verdade. Nós fundamentamos nossa fé na Palavra de Deus, não no que ele está falando. Ainda que seja verdade<sup>4</sup>.

As palavras de Macedo não somente revelam a flexibilidade da elaboração da teologia iurdiana como também a importância de manter incólume a legitimidade dessa prática. Prática que, ao mesmo tempo, constitui-se num estágio de importante significância para trajetória de um indivíduo que se converte na sua denominação. O ritual de “expulsão” de demônios já tinha sua importância para as igrejas do pentecostalismo clássico, entretanto seu valor se eleva a um papel central e toma novas formas nas atividades realizadas pelos líderes neopentecostais.

Aqui, uma especial atenção: diferente de outras denominações protestantes e pentecostais, a IURD não possui Escola Bíblica Dominical nem Reuniões de Estudos ou Cursos Bíblicos formais e de conteúdo mais profundo. Para tanto, o exorcismo está estabelecido como uma das vias primordiais pela qual os principais conteúdos da fé neopentecostal são expostos aos fiéis: a) no mundo existem duas forças contrapostas que se mantêm em constante embate, Deus e Satanás (Campos, 1994, p. 338); nesse cenário severamente maniqueísta, b) os indivíduos, por sua vez, estão divididos entre “aqueles que vivem em submissão a Deus, por meio de Seu Filho Jesus Cristo e vivem na luz, ou se submetem ao diabo e seus anjos e vivem nas trevas” (Macedo, 2000, p. 30); c) a

salvação/cura só pode ser conquistada em Deus/Jesus, “médico supremo” (Campos, 1994, p. 354); e, por fim, d) essa salvação é encontrada na Igreja Universal (Almeida, 2007, p. 95).

De acordo com Campos:

Para a Igreja Universal o ser humano vive num caos, provocado pela presença das forças satânicas. A reorganização do mundo interno de cada um e suas ligações com o mundo objetivado têm que passar necessariamente por um novo eixo cognitivo e emocional, formado por Jesus/Espírito Santo/Igreja Universal. Aceitá-lo é interiorizar uma alavanca, que move a desordem e cria condições para uma nova maneira de reorganizar a vida (1994, p. 350).

Especialmente no ritual de exorcismo, a IURD, trilhando um caminho de enfrentamento das forças demoníacas, propõe aos seus fieis a restauração da perfeição inicial. Ao libertar as pessoas dos demônios que as escravizam, elas estão em condições de reorganizarem suas vidas, livrarem-se de seus vícios e até mesmo podem ser curadas.

E, note-se, enquanto igreja visivelmente sincrética, justamente nesse ato litúrgico de imensa importância é que se percebe o caráter peculiar desse sincretismo. Em outros termos, é possível compreender, por meio dos exorcismos, o que está por detrás das práticas sincréticas iurdianas, isto é, para onde os pastores e bispos desejam conduzir a plateia que assiste aos seus trabalhos (a conversão) e, por fim, as consequências para o cenário religioso brasileiro advindas dessa opção por lançar mãos, arbitrariamente, de elementos simbólico-religiosos de outras crenças – como já afirmado, especialmente da Umbanda e do Candomblé.

## **2. Consequências do sincretismo iurdiano no campo religioso brasileiro**

Na medida em que o neopentecostalismo iurdiano se distancia dos protestantes e evangélicos, assume elementos de outros cultos, em outras palavras, transforma-se no decorrer do tempo, influenciando e sendo influenciado pelo cenário religioso brasileiro. As consequências dessas rápidas mutações são diversas. Entretanto, aqui interessa-nos aquelas diretamente ligadas com o aspecto sincrético dessa denominação e desse movimento. Esse sincretismo de inversão tem impacto direto não somente no conteúdo das



tradições protestantes ainda presentes no movimento pentecostal, na relação com outras igrejas evangélicas, mas também em confissões religiosas não-cristãs que, direta ou indiretamente, são atingidas pelo seu discurso religioso.

## 2.1. Neopentecostalismo e intolerância religiosa: o cenário atual

Antes de qualquer coisa, recompilo aqui as palavras do Bispo Edir Macedo em seu site pessoal propagandeando uma vez mais o seu *best-seller* "Orixás, Caboclos e Guias, deuses ou demônios?":

Creio ser impossível a um praticante do espiritismo ler este livro e continuar na sua prática. Acredito também ser difícil a um cristão ler este livro e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada. Todas as áreas do demonismo são postas a descoberta neste livro; todos os truques e enganos usados pelo diabo e seus anjos para iludir a humanidade são revelados. O leitor será esclarecido sobre a origem das doenças, desavenças, vícios e de todos os males que assolam o ser humano. Este livro deve ser lido com o coração, pois as verdades nele apresentadas chegam a ser chocantes e inacreditáveis...

Esta exortação se trata de uma reedição do que havia sido dito na introdução do referido livro, quando do lançamento de sua primeira edição, na qual consta também muito claramente o público alvo: "Dedico esta obra a todos os pais-de-santo e mães-de-santo do Brasil, porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de esclarecimento" e também a "pessoas que vivem enganadas e entrelaçadas pelos espíritos malignos" (Macedo, 2000, p.10).

Não seria necessária a leitura da obra toda para notar seu contorno fortemente contundente pois, logo de entrada, a hipótese do livro é declarada: as religiões mediúnicas são obra do "diabo e seus demônios" (Macedo, 2000, p.10).

Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios? Retoma a estrutura e os temas centrais de Mãe-de-Santo. Porém, pretendendo não deixar nem sombra de dúvida sobre a "resposta certa" à pergunta do título, apresenta argumentos mais detalhados, num tom muito mais agressivo de condenação e alerta sobre os perigos que correm os que cultuam o panteão mencionado (Silva, 2007, p. 201).

Estima-se que mais de 3 milhões de cópias tenham sido vendidas desde seu lançamento. Não passou sem gerar polêmica, aliás, curiosamente, na edição utilizada nesta pesquisa, (a 15ª edição), em sua ficha catalográfica consta "Literatura polêmica". No ano de 2005, a juíza Nair Cristina de Castro, da 4ª

Vara da Justiça Federal da Bahia, determinou a suspensão da venda do livro. À época, a fundamentação para tal posicionamento da justiça era que:

[a obra] se mostra abusiva e atentatória ao direito fundamental, não apenas dos adeptos das religiões originárias da África e aqui absorvidas, culturalmente, como afro-brasileiras, mas da sociedade, no seu genérico prisma, que tem direito à convivência harmônica e fraterna, a despeito de toda a sua diversidade (de cores, raças, etnias e credos)<sup>5</sup>.

A literatura em questão, somada às práticas costumeiramente realizadas nos trabalhos da IURD instauraram importante debate acerca da tolerância religiosa no Brasil. O debate talvez tenha se acirrado especialmente depois do tão conhecido e comentado “Chute da Santa”, protagonizado pelo Bispo Sérgio Von Helder, que durante o programa “O despertar da Fé” desferiu golpes contra uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, justamente na data de 12 de outubro, quando católicos de todo o Brasil comemoram o dia da padroeira<sup>6</sup>. Como bem recorda Ronaldo de Almeida (2007, p. 140), a imensa repercussão a respeito desse fato se daria mais pela conveniente exposição da cena pela Rede Globo de televisão, por razões obviamente comerciais (a Rede Record se fortalecia enquanto emissora de televisão e atualmente tem mantido a posição de segunda maior emissora do país) do que por apresentar algo novo.

Não era raro a IURD dirigir seus ataques humilhando e zombando das entidades afro-brasileiras. Todavia, publicizar o ato realizado contra a maior igreja do país seria bem mais interessante. Essa estratégia beneficiaria diretamente a Globo, por lançar sua rival em dificuldades, como também à própria Igreja Católica, que assistia a uma enorme perda de fiéis para as igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais. As consequências de fato foram bastante drásticas, havendo manifestações por parte de católicos em frente aos templos da IURD. Em geral, os evangélicos passaram a gozar de determinada desconfiança por parte dos católicos, carregando a pecha de “radicais” e “intolerantes”.

Entretanto, em uma atitude estratégica, Edir Macedo pede desculpas pelo ato de seu bispo. Passados os anos, assim, a IURD consegue superar essa crise. Passa então a direcionar seus ataques exclusivamente aos cultos africanistas. Parece bastante oportunista, visto que, conquanto a influência dessas crenças seja forte no país, os devotos dessas religiões não constituem grande parcela da

população. Em parte, certamente, isso se deve àquilo que estudiosos denominam como “dupla pertença”. Devido ao sincretismo, fiéis católicos não têm problema algum em participar tanto dos trabalhos no terreiro quanto das missas católicas. Não obstante, ainda hoje, grande parte desses fiéis, quando perguntados acerca de sua pertença religiosa pelos institutos de pesquisa, mencionam a religião proeminente no país, o catolicismo.

A demonização das religiões afro-brasileiras presentes no neopentecostalismo já existia no início do movimento pentecostal, contudo não na intensidade que passaria a ter com o advento de igrejas como a IURD e similares, que entre suas posturas mais drásticas já chegou a convocar fiéis a se empenharem em impedir rituais afro-brasileiros ou mesmo a tentar fechar terreiros (Silva, 2007, p. 195). Sobre os pentecostais, é importante dizer que, conquanto possuíssem um espírito antiafro, diferente da IURD, não se valiam de seus elementos em seus cultos. Isto é, não apresentavam esse perfil de sincretismo observado nas igrejas neopentecostais.

É raro algum trabalho que aborde o movimento neopentecostal e deixe de lado esse aspecto dessas denominações, entretanto, alguns autores foram mais corajosos e, ao mesmo tempo, bastante pertinentes em suas avaliações, sendo, então, oportuno mencionar alguns deles e suas respectivas falas a fim de prosseguirmos no estudo. Ari Pedro Oro, dentre todos que abordaram a relação entre neopentecostais *versus* cultos afro, talvez tenha sido o que usou a expressão mais incisiva, ao se pronunciar chamando-a de religiofágica “quanto mais ela constrói um discurso e procede a uma ritualística de oposição às religiões afro-brasileiras, paradoxalmente mais delas se aproxima e se assemelha” (2005/2006, p. 320). No mesmo artigo, ousado também em seu título, "O Neopentecostalismo 'macumbeiro'", prossegue dizendo:

De minha parte, considero-a, sem nenhuma conotação pejorativa, uma igreja *religiofágica*; literalmente, “comedora de religião” (...). Isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários (2005/2006, p. 320).

Ronaldo de Almeida se valeria de expressão bastante parecida ao mencionar o mesmo aspecto, dizendo que “a Igreja Universal em seu processo de constituição, elaborou, pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga” (2009, p.

123). Fazendo coro com Ari Pedro Oro, também sem nenhuma conotação pejorativa, também nos parece bastante sugestiva (talvez mais adequada) essas duas expressões ao qualificar a IURD e as igrejas que replicam seus métodos. A preferência por essas expressões se dá porque encarnam um didatismo que proporciona uma compreensão muito clara do processo de “sincretização” da IURD. Sendo ela, na prática, uma denominação “comedora de religião”. Analogamente ao canibalismo, se alimenta do outro a fim de assumir para si aquilo que há de mais forte nele.

Na sequência de sua avaliação da IURD, Almeida contribui com oportuna reflexão a respeito da relação entre neopentecostalismo e cultos afro-brasileiros:

Poderíamos concluir, então, que a pregação da Igreja Universal busca o desaparecimento das próprias religiões das quais se nutrem tanto sua mensagem de solução do sofrimento quanto os rituais de exorcismo presentes em quase todos os cultos. Sendo assim, por essa estreita relação, um possível fim das religiões afro-brasileiras, visando os objetivos espirituais da igreja, de maneira contraditória implicaria logicamente o esvaziamento da sua mensagem de libertação, na medida em que o diabo e o sofrimento perderia seu referente concreto: as entidades. No limite, o pleno sucesso do proselitismo da Igreja Universal em relação às afro-brasileiras, já alcançado ritualmente, levaria ao seu fim (2009, p. 124).

Não dá pra afirmar que os líderes da IURD e outras igrejas neopentecostais esperem de fato que em um determinado dia os cultos afro-brasileiros deixem de existir. Entretanto, o exercício de pensar em como ela atuaria diante da mitigação exacerbada desses cultos é bastante interessante, pois, como vimos, essas igrejas constroem suas identidades a partir de uma contraproposta – em outras palavras, contrastando-se de outras expressões religiosas.

Então, assim como um guarda-chuva perde sua função em um lugar em que não chova, igrejas como a IURD perderiam sua razão de existir sem a existência dos africanistas. Todavia, não é prudente subestimar esses grupos e seus líderes, visto que não somente têm se expandido para fora do Brasil como também, embora com maiores dificuldades, têm se mantido em regiões nas quais não há forte presença de cultos afro. Parece que, acima de tudo, a IURD “necessita de fato é dialogar com uma tradição sócio-religiosa na qual seja possível encontrar os sofrimentos e os espíritos que possam se equivaler à figura do Diabo. De tal maneira que a pergunta ‘Qual é o teu nome?’ e as demais da

entrevista com os demônios possam encontrar nos novos contextos suas respectivas respostas” (Almeida, 2009, p. 126).

Para Gedeon Alencar, “talvez o neopentecostalismo esteja criando o samba do teólogo doido, pois, em tese, toda religiosidade sincrética é tolerante, menos ela. Ela é antiafro” (2005, p. 87). Essa feição do neopentecostalismo desafia o desenvolvimento de uma cultura de paz entre as mais diversas expressões religiosas existentes no Brasil (não só aqui, mas aqui especialmente). Num contexto de pluralidade cultural, as religiões representam muito mais do que opções acerca de como se pode compreender o mundo e a existência, podendo também ser vistas como bens imateriais de cunho étnico-cultural, isto é, parte das características de grupos de indivíduos que remetem às suas origens e constituição sócio-cultural.

Tal consciência contribui para que se analise o tema da tolerância com maior cuidado. E no que diz respeito à tradição afro-brasileira, esta já há muito representa uma cultura de resistência, de um grupo de indivíduos que não apenas lutou a fim de manterem-se vivos como também se esforçaram de todos os modos viáveis a fim de resguardarem suas crenças mais íntimas. Assim sendo, devido ao confronto entre esses dois grupos, neopentecostais e cultos afro, estamos diante de um litígio bem maior do que ele se apresenta. Um embate de suma importância visto que as implicações podem culminar no vilipêndio de uma herança cultural profundamente rica trazida da África e que se perpetuou, como pode, em terras tupiniquins.

Exemplo de como esse confronto extrapola o campo religioso e abrange outros aspectos da vida<sup>7</sup>, pode ser notado nessa fala de Edir Macedo:

Todas as pessoas que se alimentam de pratos vendidos pelas famosas baianas estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde, a sofrer do estômago. Quase todas essas baianas são filhas de santo ou mães de santo que “trabalham” a comida para terem boa venda. Algumas pessoas chegam a vomitar as coisas que comeram, mesmo que isso tenha sido há muito tempo (Macedo, 1996, 48).

Embora não mencione, certamente trata-se do acarajé, uma espécie de comida tipicamente afro, culturalmente comercializada na Bahia e que, em seu aspecto religioso, é oferecido preferencialmente a Iansã e Obá (Cacciatore, 1977, 36). Esse tipo de intolerância pode se desenrolar de modo ainda pior, conforme denunciou o *Jornal Extra* em uma matéria na qual expõe à perseguição de

adeptos do Candomblé e Umbanda alvos de traficantes convertidos ao pentecostalismo.

(...) já há registros na Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro Brasileiro e Espírita de pelo menos 40 pais e mães de santo expulsos de favelas da Zona Norte pelo tráfico. Em alguns locais, como no Lins e na Serrinha, em Madureira, além do fechamento dos terreiros também foi determinada a proibição do uso de colares afro e roupas brancas. De acordo com quatro pais de santo ouvidos pelo EXTRA, que passaram pela situação, o motivo das expulsões é o mesmo: a conversão dos chefes do tráfico a denominações evangélicas<sup>8</sup>.

Um dos traficantes mencionados na matéria, Fernando Gomes de Freitas, conhecido como "Guarabu", teria adotado tal extremismo depois de se converter à Assembleia de Deus, Ministério Monte Sinai, em 2006. É preciso dar atenção ao fato de que as Assembleias de Deus não constituíam um grupo com esse tipo de comportamento, havendo convivência pacífica entre “os crentes” e frequentadores de terreiros nas periferias brasileiras. Não obstante, há que se considerar que, não somente há um número sem-fim de igrejas que se denominam Assembleias de Deus, com distintos costumes e particularidades entre elas, como também a influência exercida pelo neopentecostalismo pode ter sido decisiva na disseminação desse tipo de “espírito antiafro”.

Tais ocorrências não desqualificam apenas a religiosidade afro, pois seria impossível realizar uma separação da religiosidade afro-brasileira e os aspectos étnicos transmitidos de pais para filhos entre os povos negros que padeceram a escravidão em solo brasileiro. Além disso, convém ressaltar, a apropriação<sup>9</sup>, a desqualificação e os ataques em geral são dirigidos aos cultos herdados de povos negros, escravizados e oprimidos durante séculos por uma sociedade cristã, católica; e que durante boa parte da existência do Brasil enquanto Estado-Nação sofreu toda sorte de restrições sociais e até mesmo jurídicas<sup>10</sup> que limitavam sua liberdade de expressar sua fé. Para ser mais claro, parece menos problemático confrontar um grupo que ainda não alcançou totalmente seu empoderamento social, que ainda milita por meio de grupos e movimentos sociais a fim de conquistar respeitabilidade e visibilidade social e que se organiza em prol da eliminação do racismo e preconceitos ainda existentes em nossa sociedade do que bater de frente em relação à religião hegemônica no país – o catolicismo.

Nesse sentido, enquanto houver esse tipo de embate, a relação neopentecostalismo *versus* religiões afro constituir-se-á em uma problemática a

ser estudada e discutida não somente pelos pesquisadores da religião e sociólogos, mas também por juristas, teólogos, psicólogos e historiadores, dentre outros, a fim de contribuírem com análises e, se possível, propostas concretas para o convívio pacificado entre esses dois grupos.

## 2.2. A humilhação dos demônios pela exposição dos fiéis

Não é preciso visitar um templo neopentecostal a fim de assistir a um ritual de exorcismo. Há na internet uma enorme quantidade de vídeos nos quais pastores de diversas denominações evangélicas exibem seu poder sobre os demônios. Não se furtam em nomeá-los inicialmente pelo nome de entidades dos cultos aos orixás. Dentre os vídeos mais impressionantes estão os da IURD. Em quase todos os rituais de expulsão os demônios são entrevistados pelos pastores.

Sendo um momento importante dos cultos neopentecostais, homens e mulheres possessos, geralmente à frente do templo, onde recebem orações com vista à solução de seus problemas, esses fiéis são submetidos a cenas bastante constrangedoras. Por apresentarem gestos convulsivos, alguns são dominados fisicamente pelos pastores ou obreiros auxiliares, certas vezes são agarrados pelos cabelos<sup>11</sup>. Em um dos exorcismos da IURD, executado pelo Bispo Guaracy Santos, e que está disponível em um canal do Youtube<sup>12</sup>, o endemoninhado segura a perna do pregador, após isso o demônio diz que irá matá-lo se este sair fora do templo; ao que o Bispo responde de modo bastante prático, segurando a mulher possessa pelos cabelos, guia-a pelo meio da multidão maravilhada até a escadaria do Templo Maior,<sup>13</sup> numa clara exibição de autoridade. Depois da demonstração, o demônio foi expulso.

Não obstante, há momentos aparentemente mais degradantes, que ocorrem quando o exorcista pergunta ao espírito maligno o que está ele fazendo na vida da pessoa. As respostas ao interrogatório são as mais diversas, dentre as quais não raras vezes o “demônio” confessa levar a pessoa a adular, prostituir ou roubar. Ronaldo de Almeida menciona o discurso de um pastor segundo o qual uma jovem teria sido influenciada pelo diabo a “perder a virgindade” (2009, p. 83). Esse tipo de exposição nem sempre se encerra com o testemunho de satisfação do fiel. Já constam dados de pessoas que se sentiram molestadas e humilhadas em tais rituais.

Na cidade de São Paulo, um aposentado acionou a justiça a fim de requerer indenização por danos contra a IURD por ter sido agredido por pastores desta igreja, quando submetido a um ritual de exorcismo. O requerente era epilético e teria sofrido a agressão durante o exorcismo justamente quando passava por um ataque resultante da própria doença. O Tribunal de Justiça de São Paulo deferiu o pedido, tendo a IURD recorrido sem contudo ter tido qualquer êxito<sup>14</sup>.

Uma senhora acionou a igreja alegando ter fraturado o punho da mão esquerda em uma sessão de exorcismo. O ministrante do ato a teria afligido com gestos bruscos e até mesmo batido com sua mão fraturada em uma cruz fixada no altar. A senhora teria ficado impossibilitada de retornar à sua atividade profissional como doceira por longo período de tempo<sup>15</sup>.

Em um outro exorcismo realizado dentro dos estúdios da Rádio Aleluia, transmitido ao vivo pela Rede Família e também disponível na internet<sup>16</sup>, o bispo Clodomir Santos, juntamente com o bispo Edir Macedo, realiza um demorado ritual de exorcismo, durante o qual – como frequentemente acontece – o possesso fora interrogado. Durante o interrogatório, o bispo Clodomir pergunta ao demônio o que ele teria ganhado para conduzir o jovem ao “homossexualismo”. Essas declarações renderiam a IURD mais um capítulo polêmico, a ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) pediu ao Ministério Público de São Paulo que investigasse o caso<sup>17</sup>. De acordo com a ABGLT, a homossexualidade não deve ser tratada como uma doença. Visto que desde 1990 ela não consta mais da Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde.

Esses são apenas alguns casos malfadados de sessões de exorcismo realizados na IURD. Contudo, há que se reconhecer que todas as semanas um sem-número de igrejas pentecostais e neopentecostais realizam essas mesmas práticas Brasil afora. Não sendo difícil encontrar processos em sites de órgãos jurídicos movidos contra igrejas neopentecostais. A IURD, por exemplo, consta tanto no polo passivo quanto ativo de ações de todos os tipos. Desde pedidos de indenização danos morais<sup>18</sup> até questões trabalhistas referentes a ex-pastores e ex-obreiros<sup>19</sup>.

É inegável que há uma exposição exagerada das pessoas que se dispõem a receber orações e acabam possesadas. É indiscutível também que essas pessoas



não só acabam expostas pelo que dizem quando estão em transe como também pelos gestos que são levadas a realizar quando do ato de exorcismo. Com tudo isso, ainda pode-se dizer que, pelo êxito dessas igrejas em suas atividades religiosas, no geral tais práticas estão longe de ser um problema para os fiéis. Aos olhos de um cético ou alguém de uma igreja mais tradicional, toda essa demonstração não passa de um espetáculo catártico. “O povão não tem acesso à psicanálise. As pessoas procuram esses cultos populares para aplacar seu inferno interior”, é a declaração do pastor luterano Mozart Noronha; “É como se fosse um show em que os pastores exibem o diabo subjogado como se fosse um animal na jaula”, diz o padre Cleodon de Lima ambos à Revista Época<sup>20</sup>.

Conforme o antropólogo Marcelo Tadvall:

Dentro da discursividade da IURD, não se trata de humilhar ou subjugar o sujeito-fiel, mas antes o sujeito-encosto que se manifesta graças ao poder do Espírito Santo ali presente. Isto quer dizer que as representações de *humilhação* e de *vergonha* se encontram muito mais presentes na leitura do observador que aqui escreve do que necessariamente entre as partes do ritual, pastores e fiéis (2012, p. 6).

Para tanto, apesar das vozes dissonantes, a procura por essas igrejas certamente não se dá sem que haja algum benefício – ainda que psíquico-emocional – para indivíduos que as procuram sedentos por um contato com o sobrenatural, objetivando, claro, benefícios dos mais variados, mas especialmente bênçãos materiais. Os rituais transmitem, de fato, certa tensão, exibem pastores com tons vocais autoritários manietando homens e mulheres pelos seus cabelos. Porém, a menos que um e o outro se manifeste em contrário, estão todos ali por livre e espontânea vontade. De modo que não se tem outra alternativa a não ser avaliar até que ponto o que é feito viola a dignidade da pessoa humana, fere a liberdade de crença alheia ou implica de fato em uma agressão física e moral passível de uma intervenção jurídica.

### **3. Neopentecostalismo: uma atraente opção entre o protestantismo e os cultos mediúnicos**

O teólogo americano Richard Niebuhr acreditava que a argumentação a respeito da origem das denominações protestantes não pode se restringir às diferenças teológicas. Seria preciso analisar outros aspectos, como, por exemplo,

os que dissessem respeito ao contexto social em que essas divergências têm sua origem. Exemplificou comentando que o historiador Flávio Josefo tentou distinguir as divergências entre fariseus e saduceus apenas da perspectiva ideológica, mas havia outros aspectos importantes, como o das classes sociais às quais cada grupo pertencia – os fariseus, grupo que primava pela fidelidade racial; os saduceus, grupo de judeus aristocratas que já havia abraçado o helenismo (1992, p. 17).

O neopentecostalismo não constitui exclusivamente uma denominação, tem sido antes entendido como um movimento religioso, incluindo um número expressivo de denominações, tendo como exponenciais a Igreja Universal do Reino de Deus e a Internacional da Graça de Deus, seguidas de muitas outras. Ainda assim, a avaliação de Niebuhr não se torna inválida. Enquanto movimento, o neopentecostalismo abriga debaixo de seu “guarda-chuva” igrejas com características bastante específicas, cujo desenvolvimento de seus principais expoentes se deu em um mesmo período histórico num contexto social específico ao qual responderam de acordo com suas possibilidades.

Como afirma Paulo Romeiro, até a década de 1970, grande parte do pentecostalismo brasileiro cultivava costumes comportamentais rigorosos, uma espiritualidade escapista que enfatizava o retorno de Cristo e, por conseguinte, a severa separação das coisas “desse mundo”. A Congregação Cristã no Brasil e as Assembleias de Deus constituem a matriz desse pentecostalismo que iria nascer, desenvolver-se e desenrolar-se em muitas outras formas de espiritualidade evangélica em solo brasileira (2005, p. 75). A título de informação, a Congregação Cristã no Brasil até os dias de hoje sustenta usos e costumes rigorosos, como o uso do véu pelas mulheres e a separação de homens e mulheres em alas específicas para a realização dos cultos.

Já com o surgimento da Igreja de Nova Vida o paradigma começa a ser transformado. A denominação fundada por Robert McAlister, em pouco tempo de existência, romperia com os limites que ainda restringiam a difusão da mensagem pentecostal para os diferentes grupos e classes sociais existentes, conquistando fiéis oriundos da classe média. Contudo, para Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e seus companheiros de caminhada de fé, a visão ainda era pequena. Suspeitavam que poderiam alcançar bem mais do que seu líder e pai na fé, o bispo McAlister.

Egresso de família católica e com passagem pela Umbanda – e talvez por isso mesmo – Edir Macedo tornar-se-ia um dos fundadores e líder da maior e mais controversa denominação neopentecostal brasileira. Um líder que afirma, em consonância com os princípios reformados, que o “justo viverá pela fé” (2011, p. 04), mas também, curiosamente, que “a revolta e ódio” contra o mal são a chave para a vitória diante dos problemas dessa vida (2011, p. 08).

Ora, é inegável que a IURD e as demais neopentecostais são herdeiras das igrejas protestantes e ao menos se beneficiam da militância dessas denominações na sociedade brasileira. Conforme Oriovaldo Pimentel Lopes Júnior:

Enquanto não foi quebrado o monopólio do catolicismo, o Brasil permaneceu à margem daquilo que se convencionou chamar de modernidade ocidental. Racionalidade econômica, ordenação jurídica do Estado Laico e democrático, universalização do ensino, mudanças na estrutura agrária, entre outros elementos que caracterizam a modernidade, só ocorreram paralelamente às mudanças próprias do monopólio religioso católico. A insistência pioneira do protestantismo e do pentecostalismo em quebrar esse monopólio permitiu o florescimento de um modo alternativo de se pensar a sociedade. Contudo, em menos de um século a nação caminhou para uma modernidade globalizada e consumista, na qual a religiosidade das soluções mágicas e imediatas encontrou larga aceitação (2009, p. 37).

Diante disso, o neopentecostalismo é diretamente beneficiado do longo empreendimento protestante e pentecostal no Brasil. Surge do seio pentecostal e se emancipa enquanto uma categoria *sui generis*, mas que não ousa romper absolutamente com sua matriz. Ao contrário, de acordo com uma antiga afirmação de Paul Freston, a IURD e seu perfil teológico seria uma etapa avançada de secularização da ética protestante (1994, p. 146). Entretanto, pelo que fora exposto e discutido até aqui, se considerarmos as palavras de Freston, podemos dizer então que ela representa esse avanço (ou seria exacerbação) da ética protestante só que concretizado “à brasileira”.

Certamente que o neopentecostalismo brasileiro é peculiar. E a IURD não seria como é se não houvesse surgido nessas terras, nas conjunturas às quais foi exposta e às quais se adaptou a fim de manter-se viva no mercado religioso local. “(...) a vida religiosa é tão entrelaçada com as circunstâncias sociais que a formulação da teologia é necessariamente condicionada por elas” (Niebuhr, 1992,

p. 18). Mas qual é mesmo a teologia da IURD? Qual a teologia do movimento neopentecostal?

Boa parte do movimento não se preocupa com a interpretação científica do texto bíblico e com as ferramentas necessárias à hermenêutica. Ao longo das décadas, o pentecostalismo brasileiro até mostrou certa ojeriza pela educação (Romeiro, 2005, p. 117).

Sim, há uma teologia, uma estrutura de pensamento que orienta práticas e discursos. Não obstante, é mutante, de acordo com as necessidades e conveniências na relação com a demanda e diante da concorrência. Possui interditos e proibições, isto é, há dogmas a serem sustentados. O neopentecostalismo, nesse sentido, constitui um fenômeno interessantíssimo que não pode prescindir de atenção por parte daqueles que se empenham a estudá-lo.

E sobre suas transformações, parece de fato não existir uma fronteira cultural nítida ou firme entre os grupos sociais, e sim, pelo contrário, um *continuum cultural*. Peter Burke comenta que os linguistas há muito tempo vêm defendendo o mesmo ponto de vista a respeito de línguas vizinhas como o holandês e o alemão, que na fronteira, é impossível dizer quando ou onde o holandês termina e começa o alemão (2003, p. 14). Será que isso vale também para a análise de grupos religiosos? Seria aplicável ao neopentecostalismo?

Não que igrejas como a IURD tenham se tornado outra coisa, porém talvez o que mais a difira de outros grupos pentecostais e protestantes sejam as misturas sincréticas que optou por fazer. De fato, como vimos, esse sincretismo não fez dela um híbrido de protestantismo e Umbanda, porém, tornou-a bem mais palatável ao povo brasileiro justamente pela capacidade de dialogar com os marcos simbólicos presentes nessa cultura. “(...) toda inovação é uma espécie de adaptação e [que] encontros culturais encorajam a criatividade (Burke, 2003, p. 17)”. Inovadora e criativa, sincrética e agressiva em sua mensagem, adapta-se porém sem anular temas e signos tradicionais da fé cristã protestante.

Jesus Cristo é o Senhor, anuncia cada templo da IURD mundo afora, Deus versus diabo são uma constante, a ideia de salvação por meio de Jesus e a operação da fé pela ação do Espírito Santo também estão presentes. Apesar das ênfases em prosperidade financeira e conquistas materiais, os neopentecostais reproduzem, ainda que fragmentados, conceitos caros aos evangélicos em geral.

É claro que a mistura – o sincretismo aqui abordado – pode implicar e, por certo nesse caso implica, em perdas daquilo que fora transmitido anteriormente. Daí as rupturas e continuidades.

Assim sendo, ao passo em que se torna um grupo específico caracterizado por rupturas e também por continuidades em relação à sua matriz, aliado ao sincretismo, não apenas permite ao neopentecostalismo iurdiano manter-se vivo em um cenário religioso tão competitivo quanto o brasileiro. Como também, e principalmente, torna-o uma alternativa atraente diante do tradicionalismo protestante, árido no que diz respeito às manifestações sobrenaturais ansiadas por muitos e, por outro lado, os cultos afro-brasileiros e mediúnicos em geral (incluindo, por assim dizer, o espiritismo).

Com seu sincretismo de inversão, “o neopentecostalismo parece se posicionar numa terceira via entre aquilo que combate e suas próprias origens” (Silva, 2006, p. 2007). Ao interrogar o Exu que se manifesta em uma fiel num culto de sexta-feira, o pastor não somente se vale do repertório afro, mas também o reconhece como real, entretanto o desqualifica a fim de apresentar sua superioridade diante desses cultos. Seu relacionamento não é complicado apenas em relação aos cultos de matriz afro, entre os próprios evangélicos neopentecostais ocorrem duros embates.

Em um exorcismo realizado pelo bispo Edir Macedo, durante o costumeiro interrogatório da entidade manifesta, o espírito chega a mencionar que começou a atuar na vida da pessoa possuída desde que essa começou a frequentar a Igreja Mundial do Poder de Deus, liderada pelo apóstolo Valdemiro Santiago, ex-bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, cuja denominação fundada tem alcançado significativo êxito no mercado da fé. Tal êxito pode explicar a razão do exorcismo com menção explícita tanto ao nome de Santiago como também da Igreja Mundial. Em um só ritual de exorcismo, Macedo atinge mais de uma expressão religiosa. Em determinado momento do interrogatório o líder neopentecostal diz ao demônio que imite o rival (Valdemiro) a fim de ver se este era de fato “o dono da cabeça dele”. Note-se que o termo “fazer cabeça” é oriundo do Camdomblé<sup>21</sup>, e ao dizer que desejava dialogar com a entidade que era dona da cabeça de Santiago, ao mesmo tempo combatia a denominação que lhe tem causado incômodos e também, para variar, às expressões de fé afrodescendentes.

A relação da IURD com outras igrejas evangélicas não durou muito tempo. Quando tentou fazer parte da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), fora barrada pelo seu presidente, Caio Fábio D'Araújo Filho, então pastor presbiteriano e que, inclusive, se opunha a denominar a Igreja Universal do Reino de Deus enquanto denominação evangélica. Fora isso, a IURD chegou a fazer parte do Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB), fundado pelo próprio Edir Macedo, juntamente com outros líderes pentecostais (permaneceu parte do Conselho enquanto fora útil aos interesses da IURD)<sup>22</sup>.

A IURD, tendo se consolidado como uma das mais fortes estruturas religiosas no Brasil, não presta contas a quem quer que seja, seus vínculos se dão conforme seja conveniente. Atualmente, suas principais relações têm-se dado no âmbito da política e de empreendimentos da Record. Ainda assim, com políticos advindos de seu próprio quadro religioso lhe confere certa tranquilidade para atuar na política nacional.

Beneficiando-se dessa aparente independência, não necessitando reafirmar-se como pertencente de nenhum grupo específico, e com o poder político-financeiro resultante do império edificado (Igreja, Televisão, Rádio, etc.), a IURD pode transitar sem receio em arraiais tão antagônicos quanto o dos evangélicos até os dos cultos mediúnicos. Muitas vezes desagradando a ambos. Aos evangélicos, por não ser a expressão fiel daquilo que estes julgam ser o modelo de fé evangélica herdada do protestantismo, aos cultos afro e espiritismo, pela forma com que faz menção a esses em suas mensagens e prioritariamente nos rituais de exorcismo.

Para Vagner Gonçalves da Silva, antropólogo, a IURD constitui uma síntese entre o pentecostalismo e a Umbanda. Em suas palavras:

A novidade que vem transformando esse cenário, desde que foi analisado há trinta anos por estes atores, é o desenvolvimento do neopentecostalismo, que, distanciando-se do pentecostalismo clássico e aproximando-se da umbanda e de outras religiões afro-brasileiras, ainda que seja para negá-las, passou a traduzir para seu próprio sistema o *ethos* da manipulação mágica e pessoal, mas agora *sob nova direção*, colocando o “direito” no lugar do “favor”. A base sociológica comum entre pentecostais e umbandistas, que propiciava a “dupla resposta à aflição”, opostas e distintas, conforme apontada por Fly e Howe, muito provavelmente possibilitou o surgimento desta “terceira resposta à aflição”, que se apropria a seu modo das duas anteriores. Ou seja, o neopentecostalismo, ao “abrandar” o ascetismo, suavizando o estereótipo do “crente” do protestantismo histórico, passou a valorizar os prazeres terrenos e estimular o consumo de bens

materiais como sinais de salvação. Ao abrir-se para o mundo, para a sociedade de consumo (incluindo o consumo do corpo), promoveu uma intermediação importante entre o *ethos* religioso do pentecostalismo tradicional e o das concepções afro-brasileiras, marcadas historicamente por sua abertura ao mundo (onde o sagrado assume a feição do mundano e não o contrário) (2007, p. 206).

Parte importante dessa análise de Silva é sua observação de que o neopentecostalismo coloca o “direito” no lugar do “favor”. O “favor”, aqui, pode ser traduzido, em boa linguagem teológica, como o importante fundamento da teologia protestante clássica, a graça, que constitui, basicamente, a ideia de que a raça humana é essencialmente pecadora e não possui qualquer direito de reivindicar o que quer que seja diante de Deus. Por esse conceito, qualquer dádiva ofertada por Deus ao fiel constitui-se em um favor imerecido. Nesse sentido, a mistura sincrética pode ter, de fato, gerado uma perda daquilo que fora transmitido ao neopentecostalismo pela tradição protestante. Ainda assim, isso é uma observação precária ou mesmo provisória, tendo em vista que a qualquer momento tal perspectiva possa ser resgatada pela liderança iurdiana conforme bem lhe aprouver.

Também conforme já fora observado, por ter deixado para trás o rigor comportamental do pentecostalismo clássico e o perfil severo do ascetismo protestante, fez-se bem mais cativante que essas. Porém, entre aquilo que abandonou e aquilo que apropriou, tanto do pentecostalismo quanto dos cultos afro, a manipulação do sagrado pela magia corroborou para agradar ao paladar de um povo eclético e também ávido pelas dimensões místicas da religiosidade.

Até mesmo a ideia de oferenda/sacrifício dos cultos afro-brasileiros encontra continuidade ou paralelismo no movimento neopentecostal:

Nessas religiões, por exemplo, a prosperidade também é resultado das doações que o iniciado faz antecipadamente para as divindades. Sendo as divindades, como os orixás, forças associadas aos domínios da natureza, quando cultuadas apropriadamente deslocam os benefícios desses domínios, que as constituem ou das quais são representantes, para seus filhos. De Oxum espera-se riqueza e fertilidade; de Ogum, abertura dos caminhos e bons negócios; de Xangô, justiça; Obaluaiê, cura das doenças; de Oxóssi, fartura à mesa. Para tanto, é preciso dar-lhes comidas, bebidas, fazer os sacrifícios com os animais de sua predileção, enfim, recebê-los no corpo de seus filhos e vesti-los com suas roupas e insígnias para que dancem e tragam a esse mundo seu axé<sup>23</sup> (Silva, 2007, p. 213).

Na teologia de Macedo, o sacrifício com dízimos e ofertas possui lugar especial<sup>24</sup>. Assim como nos tradicionais cultos afro, que praticam tranquilamente a barganha ou negociação com as entidades, também no neopentecostalismo iurdiano isso é comum. O fiel faz sua parte, doa, oferta, sacrifica-se e, a partir daí, exige que Deus faça a parte dele.

Conforme Silva, “Quanto mais o iniciado gasta com o culto de seu orixá, maior será a expressão do seu axé. Quanto maior for o “donativo” dado a Deus, maior será o empenho na benção aguardada” (2007, p. 217). O autor ressalta, contudo, que o alto ônus financeiro do candomblé se dá em razão de os itens requeridos pelos orixás possuírem preços que seguem a lógica capitalista do mercado. Não sendo, dessa forma, o valor pago por esses itens no mercado que alterará a relação de troca com o sagrado (como ele mesmo diz em seu texto, não adianta oferecer dois galos ao seu orixá se ele “come” apenas um). Já no neopentecostalismo, tal relação se dá de modo diferente, quanto mais o fiel doar, maior será sua benção, como se constituísse uma espécie de investimento financeiro (2007, p. 218).

Silva ainda conclui que o hiato visível entre essas duas linhas religiosas é que a aceitação de pessoas à “margem” da sociedade se dá por diferentes razões:

(...) nas religiões afro-brasileiras aceita-se a “margem” não para transformá-la, mas para consagrá-la em seu poder contestador (afinal, os próprios deuses podem ser falíveis, egoístas, malandros, adúlteros, vingativos ou exercitarem uma espécie de homoerotismo), tudo isso sem culpas a expiar ou desafios a cumprir. Já no neopentecostalismo abraça-se a todos os estigmatizados e marginais (alcoólatras, homossexuais, drogados, prostitutas, etc.) com a promessa de libertá-los de seus exus-demônios. Afinal, a conversão da “margem” valoriza o “centro”: Deus, igreja, bispo... (p. 257).

### **Considerações finais**

Para tanto, diante de tudo o que tem sido exposto, pode-se entender o neopentecostalismo como uma síntese entre protestantismo, pentecostalismo e religiões afro-brasileiras (inclui-se aqui, portanto, aspectos do próprio catolicismo e o kardecismo uma vez que estes estão presentes em determinadas expressões dos cultos afro, como, por exemplo, a Umbanda).

Afora o investimento no marketing, tecnologias radiotelevisivas, como propagandas massivas, o grande êxito do movimento neopentecostal talvez não



se desse sem a impressionante capacidade de dialogar com esses sistemas simbólicos religiosos ao mesmo tempo, sendo que mantém símbolos e elementos de sua matriz pentecostal e, por conseguinte, do próprio protestantismo, inserindo em sua estrutura, forjada estrategicamente, elementos do universo religioso simbólico das religiões de matriz afro-brasileiras. Por essa síntese, o neopentecostalismo se mantém e potencializa sua capacidade de atrair fiéis advindos dos mais diversos rincões do campo religioso.

De modo estratégico, não explicita as rupturas que cria em relação aos sistemas do qual se origina (ou seja, não se declara em qualquer momento como não-evangélica ou não-protestante). Na verdade, tenta sustentar de modo tácito certa continuidade em relação a estes, quando na verdade já promoveu diversas ressignificações de seus sistemas simbólicos. Diante disso, percebe-se que acaba desagradando os grupos com os quais interage em um relacionamento conflituoso, seja os pentecostais, sejam as religiões de matriz africana. Estes últimos, especialmente, são os que mais padecem com o discurso e práticas iurdianos.

Assim, o neopentecostalismo tem sido chamado de “pentecostalismo macumbeiro”, “pseudopentecostalismo”, “parapentecostalismo”, e por aí vai. Todos esses “apelidos” tentam adequar/encontrar uma nomenclatura compatível com o que ele tem se constituído na prática: uma impressionante e imprevisível síntese. Por essas características, pode haver quem ouse dizer que a IURD e suas filhas neopentecostais não se constituem protestantes, nem pentecostais, nem tampouco são parte da religiosidade afro-brasileira. Por outro lado, no entanto, é difícil não reconhecer que, dentre os grupos surgidos entre os protestantes e pentecostais, as igrejas neopentecostais são as que melhor interagem com o *ethos* brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus Demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMPOS, L. S.; GUTIERREZ, B. F. *Na força do espírito: os pentecostais na América Latina – um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1994.

\_\_\_\_\_. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade protestante e a hegemonia pentecostal no cenário religioso brasileiro*. Disponível em: <  
[http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod\\_artigo=117&cod\\_boletim=7&tipo=Artigo](http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=117&cod_boletim=7&tipo=Artigo)>, 2008. Acesso em 70 de fev. 2011, 22h15min.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro, In: Alberto Antoniazzi et al. *Nem Anjos, Nem Demônios*. Petrópolis, Vozes, 1994.

GOMES, Alfredo Dias. *O pagador de promessas*. 36<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Lopes Jr, Oriovaldo Pimentel. Protestantismo, democracia e violência, in João Cesário Leonel Cesário Leonel Ferreira (org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo, Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

MACEDO, Bispo. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal LTDA, 2000.

\_\_\_\_\_. *O perfeito sacrifício, o significado espiritual dos dízimos e das ofertas*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal LTDA, 2001.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

NIEBUHR, Richard. *As origens sociais das denominações protestantes*. São Paulo: ASTE-IEPG, 1992.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ORO, Ari Pedro. O Neopentecostalismo “Macumbeiro”. *REVISTA USP*, São Paulo, n° 68, p. 319-332, dez./fev., 2005/2006.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Ed. Mundo Cristão, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*. Ari Pedro Oro ET al; Vagner Gonçalves da Silva (org.). São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Valdelice Conceição. *O Discurso de Edir Macedo no Livro Orixás, Caboclos e Guias. Deuses ou Demônios?: impactos e impasses no cenário religioso brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – UMESP, São Bernardo do Campo, 2010.

TADVALD, Marcelo. Exorcismos e corpos-territórios: notas sobre possíveis marcos interpretativos da transnacionalização religiosa. *Revista Nures*, Ano VIII, Número 20, janeiro-abril de 2012.

- <sup>1</sup> Peça teatral de Dias Gomes, tornou-se filme em 1962 tendo como diretor Anselmo Duarte.
- <sup>2</sup> Para uma análise mais aprofundada especificamente do discurso contigo nesta obra de Edir Macedo, ver dissertação de Mestrado de Valdelice Conceição dos Santos: "O discurso de Edir Macedo no livro Orixás, Caboclos e Guias, Deuses ou demônios?: impactos e impasses no cenário religioso brasileiro" (2010).
- <sup>3</sup> Bater cabeça: cumprimento ritual de respeito realizado ao princípio e fim de sessões públicas (Cacciatore, 1977, p. 65).
- <sup>4</sup> Essa fala pode ser conferida a partir dos 2min32ss, em um vídeo de exorcismo disponibilizado pelo próprio Edir Macedo em seu site pessoal, datado de 09 de fevereiro de 2012: <<http://www.bispomacedo.com.br/2012/02/09/aviso-aos-incautos/>>, visitado em 01 de set. de 2013, às 7h55min.
- <sup>5</sup> A matéria informativa a respeito da suspensão do livro pode ser encontrada aqui: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u115122.shtml>> Visitado em 04 de set. de 2013, às 12h51min.
- <sup>6</sup> O fato gerou, anos depois, uma lenda na qual o referido Bispo teria se convertido ao catolicismo após ser curado por Nossa Senhora de uma estranha enfermidade precisamente na perna com a qual "chutou" a imagem. <[http://www.istoe.com.br/reportagens/28209\\_O+CONTO+DA+SANTA](http://www.istoe.com.br/reportagens/28209_O+CONTO+DA+SANTA)> Visitado em 04 de set. de 2013 às 13h22min
- <sup>7</sup> Até porque, de fato, conquanto a cultura ocidental tente privatizar a religiosidade e separar esse aspecto da vida cotidiana como um todo, religião e vida social interpenetram-se inexoravelmente.
- <sup>8</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/crime-preconceito-maes-filhos-de-santo-sao-expulsos-de-favelas-por-trafficantes-evangelicos-9868841>> Acesso às 18h32min de 11 de set. de 2013.
- <sup>9</sup> Gedeon Alencar (2005, p. 87), com sua verve afiada, denomina-a de "apropriação indébita".
- <sup>10</sup> Ver texto de Hélio Silva Jr., "Notas sobre o sistema Jurídico e Intolerância Religiosa no Brasil" (SILVA, 2007, 303).
- <sup>11</sup> Nessa matéria de Alexandre Mansur e Luciana Vicária, para a Revista Época, pode-se encontrar relatos e análises de como se dá o exorcismo na IURD em detalhes. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR57053-6014,00.html>> Acesso às 18h32min de 11 de set. de 2013.
- <sup>12</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=72FTzhL0bwU&feature=youtube\\_gdata\\_player](https://www.youtube.com/watch?v=72FTzhL0bwU&feature=youtube_gdata_player)> Acesso às 18h30min de 11 de set. de 2013.
- <sup>13</sup> O referido templo está situado na movimentada Avenida João Dias, 1800, em Santo Amaro/São Paulo.
- <sup>14</sup> Disponível em: <[http://www.stj.gov.br/portal\\_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=93208](http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=93208)>. Acesso às 18h39min em 11 de set. de 2013.
- <sup>15</sup> Disponível em: <<http://jornal.jurid.com.br/materias/noticias/igreja-universal-pagara-indenizacao-fiel-lesionada-em-sessao-exorcismo>> Acesso às 19h50min de 11 de set. de 2013.
- <sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PN6AXJxJnSs>> Acesso às 19h10min de 11 de set. de 2013.
- <sup>17</sup> Disponível em: <<http://agencialgbt.com.br/bispos-da-igreja-universal-poderao-ser-presos-por-curar-jovem-homossexual.html>> Acesso às 19h15min de 11 de set. de 2013.
- <sup>18</sup> Disponível em: <[http://www.stj.gov.br/portal\\_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=93208](http://www.stj.gov.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=398&tmp.texto=93208)> Acesso às 23h00min de 11 de setembro de 2013.
- <sup>19</sup> Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/30190286/pg-1691-tribunal-superior-do-trabalho-tst-de-01-09-2011>> Acesso às 00h00min de 12 de setembro de 2013
- <sup>20</sup> Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR57053-6014,00.html>> Acesso às 20h04min de 11 de setembro de 2013.
- <sup>21</sup> Diz respeito ao orixá pessoal, protetor da cabeça do indivíduo (Cacciatore, 1977, 105).

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/21/brasil/45.html>> Acesso às 12 de setembro de 2013.

<sup>23</sup> Força ou energia vital, presente em todas as coisas (animadas ou não), que pode ser manipulada com vistas a manter o equilíbrio dos homens e do mundo ao seu redor.

<sup>24</sup> Para Macedo o dízimo, por exemplo, não constitui mero símbolo ou ato de fé, mas representaria “o próprio Primogênito, Jesus Cristo, (...) que [se] deu à humanidade, a fim de redimi-la para si” (2001, p. 65).

Recebido em 13/05/2015, revisado em 15/05/2015, aceito para publicação em 16/05/2015.